

RESENHA

LEITURA SUBJETIVA E ENSINO DE LITERATURA, DE ANNIE ROUXEL, GÉRARD LANGLADE E NEIDE L. DE REZENDE

Benedito Antunes*

Desde as últimas décadas do século XX, é possível constatar a influência da estética da recepção no ensino de literatura, com mais ênfase na figura do leitor do que na obra ou mesmo no autor. Mas práticas dessa natureza ainda constituem exceção, pois a maioria dos professores adota métodos baseados na leitura obrigatória de obras clássicas acompanhada de noções sobre a história literária. O resultado, no melhor dos casos, é a assimilação de informações sobre autores, obras e estilos de época que servem para prestar exames vestibulares ou concursos públicos. Na maioria das vezes, porém, contribui para afastar a criança e o jovem da leitura literária.

E isso ocorre não porque falte difusão de pesquisas acadêmicas com sugestões de métodos mais eficientes para a leitura literária, que contemplam o gosto e os interesses dos alunos. Os próprios órgãos públicos da educação têm se encarregado de propor esses métodos em documentos oficiais. A explicação estaria na falta de preparo ou de condições de trabalho dos docentes de Língua Portuguesa, que continuam ensinando literatura nos moldes do século XIX, quando o aluno não colocava em dúvida a importância do conhecimento literário para a formação educacional.

Nesse contexto, *Leitura subjetiva e ensino de literatura* representa uma relevante contribuição tanto para a educação básica quanto para os cursos superiores que formam professores. Consiste no conjunto de 11 trabalhos apresentados no Colóquio “Sujeitos leitores e ensino de literatura”, que ocorreu na cidade de Rennes, na França, em 2004. Publicados em livro no mesmo ano, são agora traduzidos para o português por um grupo de pesquisadores. Para a edição brasileira, os organizadores selecionaram oito artigos que julgaram mais úteis aos educadores nacionais e acrescentaram três ensaios inéditos de Annie Rouxel, visando oferecer um panorama mais amplo das questões abordadas no livro.

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp) – Assis – SP – Brasil. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: bantunes@pq.cnpq.br

Graças a isso, o primeiro aspecto que chama a atenção no livro é a sua unidade e consistência. Resultado de pesquisas desenvolvidas por grupos franceses com os quais mantém contato o grupo brasileiro Linguagens na Educação, liderado por Neide Rezende, da Universidade de São Paulo (USP), os estudos primam pelo rigor teórico e pelas experiências e propostas didáticas sobre a leitura literária e o ensino de literatura que apresentam. Cada autor examina um aspecto particular do tema para contemplar diferentes formas de implicação do leitor no ato de leitura, com as consequentes implicações no processo de formação do leitor literário.

Como linha geral, observa-se que a consideração do leitor no ensino de literatura não se limita ao estudo do estatuto do leitor inscrito no próprio texto, normalmente expresso por categorias como leitor implícito, leitor modelo ou leitor virtual. Trata-se de estudar o leitor real, aquele que, em condições históricas e pessoais determinadas, abre um livro para ler. Os estudos procuram justamente caracterizar modos efetivos de apropriação da obra ou, nos termos de Gérard Langlade, “a singularização da obra realizada pelo leitor” (p. 26), o que raramente se verifica nas abordagens propostas na sala de aula.

Essa forma de recepção é analisada por meio de instrumentos como diários de leitura, autobiografias de leitor e outras modalidades de texto produzidas pelos alunos. A recepção individual e subjetiva é normalmente contrastada com a leitura coletiva nas comunidades interpretativas, que podem ser representadas por quaisquer grupos de leitores que se disponham a trocar suas experiências de leitura. Do ponto de vista didático, porém, é a sala de aula que reúne as condições mais favoráveis para a constituição dessa comunidade de leitores, em que o professor deixa de figurar como a autoridade que domina um saber a ser transmitido e passa a atuar como mediador da elaboração coletiva de sentidos de uma obra literária.

O rigor das análises demonstra que a leitura literária não consiste em experiências totalmente livres, em que os textos servem para exprimir qualquer dimensão subjetiva dos leitores. Leva-se em conta, para isso, a relação dos direitos do leitor com os direitos do texto. E a comunidade interpretativa funciona aí como o aval social para a recepção de cada sujeito. As trocas efetuadas nessa comunidade não eliminam o lado subjetivo e mesmo aleatório das leituras realizadas, mas seu aprofundamento na discussão em sala de aula baseia-se na aceitação dos argumentos lastreados na configuração formal do texto lido, em que os conhecimentos sobre a literatura se tornam necessários e fecundos.

Uma das consequências mais significativas desse processo é que o sujeito leitor, ao se apossar do texto lido, torna-se efetivamente um autor, isto é, ao atribuir sentido àquilo que lê, faz o texto reviver por meio da leitura e falar para si e para outros leitores que venham a tomar conhecimento dessa leitura. Mais importante ainda é que, na linha de propostas formuladas já há algum tempo por Roland Barthes, essa espécie de leitura estimula o próprio ato de escrever. Ou, para usar os termos de um dos ensaios, essa leitura autoral, que implica a “admiração” do texto lido, conduz à leitura “escriptível”, que se expressa por meio de um texto produzido após a leitura.

Como aborda a didática da literatura do maternal à universidade, o livro interessa aos professores de todos esses níveis de ensino. Mas é, provavelmente, ao professor dos cursos universitários voltados para a formação de professores da educação básica que os estudos nele reunidos se revelam mais úteis. As vá-

rias reflexões sobre as motivações para se ler no mundo contemporâneo e principalmente sobre as escolhas e formas de leitura podem ajudar na reformulação dos programas dos cursos, que talvez estejam ainda trabalhando com um modelo de leitura literária cada vez mais distante dos alunos. É nesse sentido que Vincent Jouve conclui seu ensaio afirmando que os cursos de Letras deveriam, além de “enriquecer nossa cultura”, levar-nos a “saber melhor quem nós somos” (p. 65).

Não se trata, evidentemente, de abandonar a leitura de autores clássicos ou mesmo de obras difíceis, mas sim de auscultar o lado subjetivo dos leitores para facilitar o diálogo com eles na sala de aula. As análises das autobiografias e dos textos resultantes de leituras dos alunos são, nesse sentido, muito valiosas, pois esclarecem em detalhe o que significa, por exemplo, “utilizar” um texto literário. Considerada pelos métodos formais de análise como interferência subjetiva no processo de leitura, essa utilização é, na verdade, a forma mais autêntica de se compreender a própria experiência literária.

Por fim, cabe assinalar que *Leitura subjetiva e ensino de literatura* proporciona, além de uma grande contribuição teórica e prática, um verdadeiro prazer intelectual para leitores experientes e, em especial, para professores de literatura. Ao tratar de uma enorme gama de aspectos práticos da leitura, o livro conduz o leitor pela intimidade do processo da criação e da recepção literária, fazendo crescer seu interesse e admiração pela literatura. E isso só pode fazer bem ao professor disposto a reavaliar seu modo de ensinar literatura.

Recebido em agosto de 2015.

Aprovado em março de 2016.

ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide L. de (Org.).

Leitura subjetiva e ensino de literatura.

Tradução Amaury C. Moraes et al.

São Paulo: Alameda, 2013. 210 p.
